



# OS LABIRINTOS DA TESE E O MEDO DE TINGIR PALAVRAS: NARRATIVAS FORMATIVAS

Aleksandra Nogueira de Oliveira  
Fernandes [\*]

Stenio de Brito Fernandes [\*\*]

Marlúcia Menezes de Paiva [\*\*\*]

[\*] Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN). Professora de Didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6625-7963>. E-mail: [aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br](mailto:aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br)

[\*\*] Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor da Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC/RN), Mossoró/RN. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6300-9561> E-mail: [steniondre@hotmail.com](mailto:steniondre@hotmail.com)

[\*\*\*] Doutora em Educação: História e Filosofia da Educação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Educação na École des Hautes Études en Sciences Sociales e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1123-342X> E-mail: [mmarlupaiva3@gmail.com](mailto:mmarlupaiva3@gmail.com)

## RESUMO

Escrever é uma atividade complexa e desafiadora, pois são inúmeras as dificuldades entre o pesquisador e o que está sendo estudado. Para tanto, o objetivo do estudo é refletir sobre os desafios inerentes à escrita da tese de doutorado e o medo de redigir no universo da pós-graduação. O percurso teórico aqui empreendido para análise, seguiu os pressupostos de uma abordagem qualitativa. Nesse caminho, realizamos uma pesquisa bibliográfica e narrativa. As narrativas erigidas são de uma doutoranda de um Programa de Pós-Graduação em Educação de um Instituto Federal do Brasil. Como resultados, depreendemos que o ato da escrita na pós-graduação é sinuoso, porém possível. Ademais, essas dificuldades se sobrepõem para as mulheres, que além das atividades acadêmicas, têm que dar conta da educação dos filhos, das atividades do lar e da vida profissional. O artigo foi organizado em duas seções, além dessas considerações iniciais e das sendas (in) conclusivas. Na primeira, apresentamos uma reflexão sobre a escrita acadêmica e os seus desafios, especialmente quando realizadas por pós-graduandos em formação. Na segunda seção, realizamos um exercício de introspecção-retrospecção sobre as experiências em torno do escrever de uma mulher, mãe, esposa, professora e doutoranda vinculada a um Programa de Pós-Graduação de um Instituto Federal de Educação do Brasil.

**Palavras-chave:** Escrita da tese. Narrativas formativas. Pós-graduação.



## UM INÍCIO DE CONVERSA

“[...] tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto, o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar [...]”

Lispector (1978, p. 6)

Tomamos como epígrafe esse excerto do texto de Clarice Lispector quando assume o medo de escrever, receio de mexer no que está submerso, quieto, envolto em algo ainda não transformado em palavras, como expressa a autora no texto acima. Escrever é uma prática que perpassa nossa vida desde a mais tenra idade. E, portanto, a escrita atravessa a nossa existência nos mais diferentes âmbitos e contextos, incluindo aí a esfera acadêmica. Na pós-graduação, os mestrandos e doutorandos devem produzir uma dissertação e uma tese, respectivamente.

Recorrentemente, os órgãos competentes que avaliam os programas de pós-graduação vêm transformando a produção textual, e a própria relação do indivíduo com o texto. Prática esta, totalmente alinhada à uma lógica produtivista<sup>1</sup>. Este tipo de discussão se justifica pela necessidade de trazer à tona as vozes desses estudantes, suas percepções, imaginários e expectativas a respeito dos novos entornos que sua relação com a linguagem precisa alcançar nesse cenário.

Este artigo, vislumbra refletir sobre os desafios inerentes à escrita da tese de doutorado e o medo de redigir no universo da pós-graduação. A pesquisa é de cunho qualitativo que segundo Bogdan e Biklen (1994), esses investigadores tendem a fazer uma análise indutiva dos dados. Eles não aspiram coletar os dados para confirmar ou não alguma hipótese, mas empenham-se para construir situações conforme a experiência se dá.

Para a operacionalização, realizamos um estudo bibliográfico e seguimos com o relato de narrativas pessoais ancorando, na sequência, reflexões em autores que tratam do tema em

---

<sup>1</sup> Segundo Frigotto (1993), para a economia burguesa não importa o homem enquanto homem, mas enquanto um conjunto de faculdades a serem trabalhadas para que o sistema econômico possa funcionar como um mecanismo. As características humanas que dificultam o funcionamento desse sistema como reflexão, ética, são indesejáveis e entendidas como não-científicas. Nesse caso, seria uma análise fetichizada do real.



tela. No que se refere ao estudo bibliográfico, Severino (2016) explica que os tipos de leituras envolvem a leitura exploratória, primeira a ser realizada, que tem por objetivo colher uma visão global da obra em estudo; segue-se a leitura seletiva, com o intuito de analisar sua pertinência à pesquisa. E na leitura analítica, identificam-se as ideias do autor e sua compatibilidade com o problema proposto.

Quanto à pesquisa narrativa, Josso (2010) alude que a partir dos relatos de vida, centrados na formação, objetiva questionar continuidades, rupturas e projetos de vida. E este trabalho de reflexão, com base nas narrativas de formação de si, permite ver as mudanças sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a vida profissional e social. O estudo dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem se concretiza na construção da história de formação, por meio das narrativas das experiências.

Esclarecemos que o artigo foi organizado em duas seções, além dessas considerações iniciais e das sendas (in) conclusivas. Na primeira, apresentamos uma reflexão sobre a escrita acadêmica e os seus desafios, especialmente quando realizadas por pós-graduandos em formação. Na segunda seção, realizamos um exercício de introspecção-retrospecção sobre as experiências em torno do escrever de uma mulher, mãe, esposa, professora e doutoranda vinculada a um Programa de Pós-Graduação de um Instituto Federal de Educação do Brasil.

### **Reflexões sobre a escrita: a bússola do escrever**

Nós, que estamos imersos no âmbito das Ciências Humanas, temos a escrita como uma das nossas principais atividades. Entretanto, escrever não é algo natural, intrínseco, mas se aprende, pratica, aprimora. É uma atividade complexa e desafiadora. Nas palavras de Martín (2018, p. 942) a escrita não é, “[...] um processo meramente individual, idiossincrático e de meditação íntima de quem escreve. Pelo contrário, mesmo precisando de momentos de isolamento e de reflexão individual, a escrita e a publicação precisam ser compreendidas como um processo não linear, mas sistemático, coletivo e, em algum sentido, polifônico. [...]” Pois é, ao mesmo tempo dialógica e interpessoal.

Os percalços no processo da escrita estão presentes, desde o início da escolarização, como algo que se escreve para a escola, assumindo a posição de uma atividade que serve para disciplinar a mente e o corpo. Destarte, escrever não pode ser uma atividade prazerosa,



interessante, dinâmica, se devemos seguir estritamente um modelo para não sermos repreendidos. Nesta acepção, Pereira (2013, p. 2014) aborda:

Não podemos desconsiderar que, ao escrever, também escrevemos para nós mesmos. No nosso cotidiano, levamos a efeito, às vezes, enormes batalhas conceituais que necessitam ser colocadas em palavras para tomar corpo e se constituir em saberes em condições de novamente entrar na arena do interminável debate das ideias. Nesse sentido, escrevemos para nós mesmos, escrevemos para dar passagem a ideias e movimentos que, ao serem escritas, vão nos constituindo academicamente.

Em concordância, Santos (2008) discute que “todo conhecimento é autoconhecimento”, assevera que não se pode mais tolerar a distinção entre sujeito e objeto feito pela ciência moderna e todo conhecimento científico visa a se constituir em senso comum, defende que nenhum conhecimento é insignificante e estimula a interação entre os diferentes saberes. Explicita que a ciência é autobiográfica e o cientista é uma pessoa que carrega toda uma história de vida, valores e crenças. A pesquisa, a partir dos relatos de vida centrados na formação, objetiva questionar continuidades, rupturas e projetos de vida. E este trabalho de reflexão, com base nas narrativas de formação de si, permite ver as mudanças sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com o percurso profissional e social. No entender de Josso (2010, p. 70):

Abordar o conhecimento de si na perspectiva das transformações do ser sujeito vivo e cognoscente no tempo de uma vida, mediante as atividades, os contextos de vida, os encontros, os acontecimentos de sua vida pessoal e social e as situações que ele considera como formadoras e com frequência fundadoras, é conceber a construção identitária, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. [...].

Posto isso, conhecer a si mesmo concede ao indivíduo compreender como ele se forma por meio de um conjunto de experiências e tomar consciência que esse reconhecimento de si permite à pessoa encarar o seu itinerário de vida, com base numa auto-orientação possível. A trilha do caminhar para si, é um projeto a ser construído ao longo da vida e para isso é preciso uma tomada de consciência para conhecer as características da sua subjetividade em exercício. Esse autoconhecimento provoca um reexaminar da sua caminhada.

A escrita de uma narrativa, provoca interrogações em quem escreve e a veracidade do que se escreve, está justamente na habilidade de evocação do artista-narrador. Na escrita de si,



cada um avalia sua identidade, as influências que recebeu e as opções e escolhas feitas. Como nem tudo pode ser contado, é pertinente trazer as experiências mais significativas, aquelas que contribuíram sobremaneira para a construção identitária do sujeito.

Conforme a proposição de Josso (2010, p. 205 e 206), “[...] a autenticidade da narrativa reside mais na pertinência das escolhas operadas em função da orientação dada à narração do que na sua exaustividade.” E além desse aspecto da autenticidade da narrativa, é preciso transparecer, por meio das palavras e frases, os ambientes, os sentimentos, as sensações e as sensibilidades dos momentos vividos na narrativa de formação, ou seja, “[...] dar vida à língua não é coisa fácil.” É válido ressaltar que para esse trabalho introspectivo é preciso que ele se desenvolva no confronto com o olhar do outro, pois quando olhamos para nós mesmos, não estamos a sós, o outro está ali, desde sempre, compondo a nossa história.

A ciência, neste sentido, deve propiciar o processo de transformação pela invenção de si próprio, em que o sujeito passa a ser protagonista da sua história, provocando o autoconhecimento e conseqüentemente a autoformação. Posto isso, Pereira (2013, p. 216 e 217) argumenta:

[...] A neutralidade pretendida pelo discurso científico, ao longo dos séculos, contribuiu para disseminar a ideia acerca da possibilidade de uma verdade universal que, na mesma esteira da linguagem que a enuncia, existe fora do mundo e da história. O subjetivo e o histórico tornaram-se exemplo da particularidade da qual a ciência procurou se ver livre por muito tempo e, portanto, passaram a ser tomados como indutores de enganos, erros e falsidades. [...]

É com vista nessa concepção que Santos (2008, p. 60) explica que não faz sentido a distinção entre essas ciências. Ademais, o que importa é aproximar as ciências da humanidade. Essa dicotomia perde seu sentido na medida que as ciências naturais se aproximam das ciências sociais. Nessa perspectiva, cai por terra a dissociação entre subjetivo/objetivo, coletivo/individual. Explicita que todo conhecimento científico visa a se constituir em senso comum. “Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)”. Ou seja, todo o conhecimento deve ser contextualizado para ser pertinente. É dever da educação, ensinar a condição humana considerando a razão sem esquecer a afetividade inerente à emoção.



Convergindo com essa perspectiva, Lehfeld (2007) pontua reflexões sobre “o conhecimento científico e sua institucionalização”. Afirma que é importante dar vazão à criatividade, em que o pesquisador tenha uma boa base teórica e metodológica. É necessário criar para entender o ser humano. O pesquisador deve captar a realidade sob dois caminhos: o da lógica formal (visão estática) e o da lógica dialética (visão dinâmica). O conhecimento se processa de forma dinâmica e gera a inclusão social e logo, deve chegar a todos e não ficar restrito às universidades. Por conseguinte, Lehfeld (2007, p. 18) argumenta:

O conhecimento, além de ser um procedimento político, também se constitui em estratégia fundamental do ser humano para fazer história própria individual e/ou coletivamente.  
[...], o conhecimento científico formaliza a realidade e o discurso sobre ela. Contudo, a formalização de processos complexos que compõem a realidade é que faz surgir elementos para os questionamentos e para as dúvidas, construindo assim a base fundamental da ciência, ou seja, a discutibilidade dos fenômenos e das descobertas.

Nesse entendimento, a atitude científica é crítica e problematizadora. A atitude científica se perde quando buscamos apenas ideias que confirmam o que pensamos. O termo conhecer, quer dizer “procurar saber”, se constitui em um mecanismo de libertação humana e oferece ao sujeito autonomia e independência.

Seguindo estes pressupostos, Larrosa (2003, p. 107 e 110, grifo do autor) adverte que tem a sensação de que no mundo acadêmico se percebe cada vez mais sempre as mesmas coisas ditas de um mesmo modo com tom de arrogância, e explica que há uma necessidade de sair dessa monotonia e nesse aspecto uma escrita que se apresente como diferente é uma pista para tal. E complementa: “[...] A ciência organizada é o lugar dos controles, o lugar das bancas, dos tribunais, das avaliações, das hierarquias, e exclui com o aparente elogio de "interessante" ou "sugestivo" o que não está ajustado ao padrão de consenso [...]” Nas palavras do autor: “[...] A escrita acadêmica é alérgica ao riso, à subjetividade e à paixão.” É como se o que não se adequa ao padrão exigido pela academia é entendido como excêntrico e sugestivo, não aceitável como científico.

Para Barthes (1988), o autor deixa de ser dono da obra, quando o leitor a lê, é justamente nessa ocasião que acontece a morte metafórica do autor, a favor do nascimento do leitor. O sentido do texto é produzido pelas múltiplas culturas, do qual o sujeito leitor é rodeado. Na ótica de Barthes (1988, p. 70):



O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhum se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito.

Dito de outra maneira, o leitor ressignifica o texto. A linguagem não é feita para produzir um único sentido, mas é um espaço cheio de multiplicidade. Neste sentido, escrever é um bem precioso passado de um indivíduo a outro, do escritor para o leitor, sendo este instigado a reunir sentidos a cada nova leitura que faz de uma mesma obra.

Nessa direção, Bakhtin (1997) pondera que o autor deve ser compreendido, a partir do conhecimento da obra, em sua qualidade de participante. Entender o autor no seu contexto histórico, seu lugar na sociedade, sua condição social. Bakhtin (1997) realça a relação eu/outro, essencial na criação artística, mas também na constituição da consciência, que se concretiza por meio da linguagem. Como explicam Kroeff e Prudente (2019, p. 154), a escrita “[...] é vacilante e cheia de hesitações como um ensaio dos primeiros passos de dança ao conhecer um ritmo novo. Com a incerteza dos rumos no início, mas a atenção necessária à realização de um percurso cuidadoso. [...]”. Dito de outro modo, a escrita pode se constituir como instrumento de elaboração de subjetividade.

Considerando essas premissas iniciais sobre as nuances do processo de escrita, na segunda seção, nos deteremos em erigir narrativas de uma doutoranda dentro desse processo de artesanaria da tese, elucidando as vivências e experiências inerentes ao contexto.

### **Narrativas de uma doutoranda: a vivência acadêmica e científica na pós-graduação**

Segundo Freire (1996) o processo de leitura e a escrita estão imbricadas de tal forma que o escritor necessita ser, acima de tudo, um leitor comprometido com os textos lidos, a partir dos quais vai se tornando sujeito de sua compreensão. Ou seja, o ciclo do conhecimento ocorre por meio da curiosidade, reflexão e indagação.



Diante disso, erguemos o seguinte questionamento: enquanto docente e pesquisadora como consegui<sup>2</sup> escrever a tese de doutorado em tempos tão adversos, organizacional e emocionalmente? Em 2019, havia iniciado o processo de doutoramento e logo em 2020, teve início a pandemia da Covid-19<sup>3</sup> e me vi imersa dentro de casa, com os cuidados do lar, filho, aulas e orientações do doutorado e com os compromissos em congressos, simpósios, reuniões de grupo de pesquisa, redação de artigos e relatórios de pesquisa, somado a aulas remotas e encontros para a orientação de estudantes. Vi-me mergulhada em meu cotidiano sobrecarregado de tarefas, sem as redes de cuidado e de sociabilidade, a exemplo da escola. Tais incursões, nos remetem às palavras de Larrosa (2002, p. 21) quando discorre: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Fui tocada, atravessada pelos meandros do fiar as linhas da tese num momento histórico, sinuoso, de potencialização das dificuldades imputadas ao processo de um pós-graduando.

Destarte, ao narrar o que escrevo agora, não me faz sentir as mesmas sensações e emoções do que vivi outrora. Neste momento, sinto outras experiências, como se uma forte tempestade tivesse passado, em que cai, estremeci, mas me mantive equilibrada, em pé. Avalio, que os afetos sentidos durante a escrita da tese de doutorado deixaram marcas, vestígios, tensões e também paixões. Houve dias que ao sentar para escrever, diante da página em branco, era tomada por uma sensação de angústia, tristeza, me vinha o tremor, a falta de ar, o balançar de pernas, a inquietação, a vontade de desanuviar a mente, esquecer que estava em meio a uma pandemia. Em outros momentos, o desejo era de apenas escapar com vida, não importava mais a tese, mas a existência.

Nesse cenário, as recordações relatadas numa narrativa, podem vir a ser, experiências formadoras. Para Josso (2010, p. 137), “[...] A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores.” Nesse cenário, utilizamos as experiências para descrever uma transformação, uma ideia, uma situação, um acontecimento, dentre outros.

<sup>2</sup> A partir daqui, em alguns momentos usaremos a 1ª pessoa do singular, por estarmos nos referindo às narrativas de uma das autoras desse artigo, a fim de sermos fiéis aos dados da pesquisa. Entendemos que a pesquisa é um diálogo entre o pesquisador e suas fontes e compreendemos a relevância da personalidade no texto acadêmico.

<sup>3</sup> A Doença do Coronavírus teve início no fim de 2019 (COVID-19), na cidade de Wuhan (China), tendo sido declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020.





É oportuno lembrar que a pressão por manter uma rotina de trabalho durante a pandemia, acarretou prejuízos à saúde mental, pois se falava na manutenção de uma normalidade que já não existia mais. Pois estar em casa, não significava ter mais tempo para ser produtiva: escrever a tese, artigos científicos, ministrar aulas, orientar discentes, participar de bancas, entre outras demandas inerentes ao fazer discente e docente. Me encontrava sobrecarregada de trabalho e entendia que o tempo para pesquisar sobre a doença e as novas configurações da sociedade foi extirpado pela necessidade de produção e publicização de resultados. O sentimento que me invadia, era o de naturalização das pressões exercidas pela produtividade.

Nessa trilha, o isolamento social me fez refletir no tocante às questões de gênero, maternagem, patriarcado, desigualdades sociais e sobre o enorme peso em ser mulher, doutoranda, professora, mãe e esposa. E frequentemente, me questionava como estaria a escrita dos colegas homens e ainda das mulheres que não tem filhos. Não sem razão, senti-me solitária e individual. E com o passar do tempo, as dificuldades foram se intensificando, havia sinais de adoecimento físico e mental não apenas em mim, mas nos meus familiares, alunos e colegas de doutorado, com os quais conversava constantemente pelo *whatsApp* e por videochamada. Nesse momento reflexivo e interpretativo do que vivi durante a escrita da tese doutoral, realço os dizeres de Josso (2010, p. 86):

Elaborar a sua narrativa de vida e, a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação, para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que se torna autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectiva dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal. [...].

Refletindo sobre tais questões, evocamos Simone de Beauvoir (1980, p. 29): “Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”. Daí a necessidade de aprofundar o debate acadêmico sobre quais são os caminhos possíveis para superar as desigualdades entre homens e mulheres tanto no âmbito



acadêmico, quanto nos papeis sociais, incluindo aí a divisão das tarefas<sup>4</sup> na maternidade e paternidade, bem como nos afazeres domésticos.

Em meio a esse contexto, é comum ouvirmos que somos “guerreiras” por tentarmos dar conta de tudo, de todas as demandas que nos são impostas. Entretanto, o que se percebe é a tentativa de romancear a condição da mulher e de mantê-la naquele lugar de subalternidade em relação aos homens. Quanto a isso, Chimamanda Adichie (2017, p. 18, grifo da autora), expressa:

Nossa cultura enaltece a ideia das mulheres capazes de “dar conta de tudo”, mas não questiona a premissa desse enaltecimento. Não tenho o menor interesse no debate sobre as mulheres que “dão conta de tudo”, porque o pressuposto deste debate é que o trabalho de cuidar da casa e dos filhos é uma seara particularmente feminina, ideia que repudio vivamente.

O termo mulher guerreira, muitas vezes, escamoteia a realidade. Estar em guerra não é confortável, ao contrário, é algo que desumaniza e ademais, a naturalização da sobrecarga pode gerar angústia, ansiedade e estresse. E se essa mulher guerreira for mãe e feminista<sup>5</sup>, a situação é ainda mais íngreme, porque além de tudo ela vai visualizar, todos os dias, as múltiplas contradições que ela tem consciência, perpassando na frente dela.

Nesse cenário, ser mulher, professora e ainda escrever uma tese e ser produtiva durante a pandemia da Covid-19, me fiz sentir na pele, de modo mais exacerbado, as desigualdades de gênero. Para Lisboa (2010, p. 70) “[...] A perspectiva de gênero propõe lançar um novo olhar sobre a realidade a partir das mulheres e com as mulheres revolucionando a ordem dos poderes.” Centra-se no reconhecimento da diversidade de gênero que implica na reconstrução de uma humanidade diversa e democrática. Beauvoir (1980) ao tratar sobre esse aspecto, explica que sexo, refere-se a um conjunto de fatores biológicos e gênero, a um conjunto de fatores sociais e culturais. Nessa linha interpretativa, Silva *et. al.* (2020, p. 151) aludem:

Na esfera acadêmica, os problemas já enfrentados pelas mulheres ganham novas nuances com a adoção das atividades remotas. O referencial masculino nos ambientes de produção científica, que espera por pesquisadores e estudantes disponíveis exclusivamente para sua formação

<sup>4</sup> A divisão sexual do trabalho refere-se à atribuição de tarefas diferentes ou responsabilidades diferentes a homens ou mulheres pelo único motivo de seu sexo biológico.

<sup>5</sup> O feminismo caracteriza-se como um movimento político, social e filosófico que propõe a igualdade entre homens e mulheres em todas as esferas da sociedade. Enquanto movimento político, o feminismo procurou superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e o autoritarismo (ALVES; PITANGUY, 1982).



e/ou pesquisa, demonstra-se ainda mais evidente, a partir de algumas medidas que ignoraram a sobrecarga das mulheres que estariam agora ainda mais presentes no ambiente doméstico e se viram como principais ou únicas responsáveis pelas atividades do cuidado.

Posto isso, as mães trabalhadoras, estudantes e pesquisadoras apesar de terem acessado espaços de trabalho e de produção científica não foi considerado que elas pertencem a grupos diversificados e dão conta de outras demandas para além do trabalho e da pesquisa, porém, são requisitadas a cumprir a mesma quantidade de tarefas e no mesmo espaço de tempo que outros estudantes e pesquisadores. Vale ressaltar, em relação aos direitos das mulheres, que progredimos muito ao longo da história, no entanto, no tocante ao cuidado com os filhos e as tarefas domésticas, pouco foi modificado na sociedade de forma geral.

Nesse caminho, uma vez feita a opção pela carreira científica, a mulher se coloca diante do conflito da maternidade, bem como das obrigações com a família e as exigências da vida acadêmica. As que decidem conciliar família e vida acadêmica, têm que se desdobrar para dar conta de múltiplas atividades, ao mesmo tempo, em que vivem o dilema de estar sempre em falta, quer seja com a família ou com a produtividade acadêmica.

Em face disto, entendemos que para a mulher seguir na carreira científica, numa sociedade como a nossa, de caráter patriarcal, é muito mais desafiante do que para os homens. Nesse processo, é exigido da mulher produtividade plena. Para tanto, elas precisam desenvolver movimentos de resistência e de luta num contexto masculino. Por outro lado, alertam Silva e Ribeiro (2014, p. 459, grifo das autoras): “[...] se entendermos que essas relações são construídas, elas podem, então, ser modificadas. Precisamos romper com a lógica binária e, de certo modo, “perversa” do preconceito de gênero, problematizando as relações que nos constituem como sujeitos [...]” Ademais, devido os discursos que põem a mulher como a principal responsável pelo cuidado dos filhos e do lar, muitas delas têm sido conduzidas a escolher jornadas parciais de trabalho.

Por sua vez, Josso (2010, p. 100) sustenta que a vivência transforma-se em experiência “[...] quando prestamos atenção no que se passa em nós e/ou na situação na qual estamos implicados, pela nossa simples presença”. Na reflexão sobre a nossa vida nos damos conta sobre o que pensamos de nós mesmos e dos outros.

Em meio a esse emaranhado de experiências, todo esse dilema de escrita da tese doutoral, teve de ser enfrentado tendo Jair Bolsonaro, como presidente do Brasil, num



contexto de desmonte dos direitos sociais trabalhistas e das políticas públicas. Desse modo, as políticas governamentais executadas aprofundaram o neoliberalismo, e conseqüentemente agravaram a pobreza, as desigualdades e a violação de direitos. O bolsonarismo<sup>6</sup> atenta contra a democracia, a laicidade do Estado, despreza a verdade, a ciência, a diversidade, as mulheres, as pessoas negras, a liberdade de ser, de sentir e de amar.

Como parte da classe média odeia os mais pobres que eles, e veneram os mais ricos logo, vimos essa parcela da sociedade se unir à elite para fortalecer o bolsonarismo e destruir a educação, a saúde pública, os direitos humanos, a economia, as relações internacionais e o meio ambiente, entre tantas outras esferas. Bolsonaro fez pouco caso da pandemia e deixou quase 700 mil morrerem, permitiu o retorno da fome, reduziu o salário mínimo, retirou nossa paz, incitou o ódio, as *fake news*<sup>7</sup>, a violência, o terror contra os pobres, negros, mulheres, pessoas com deficiência, indígenas, ativistas sociais e LGBTQIAPN+<sup>8</sup>.

Chegar até aqui, para mim, é motivo de resignificação. Ao olhar para o início do processo de doutoramento, atribuo um novo sentido a alguns aspectos, a saber: maternagem, ser mulher, lazer, igualdade de gênero, ser professora, ser doutoranda e o fato de escrever uma tese em um momento histórico. E nesse percurso formativo, lembrava-me sempre das palavras de Lispector (2014, p. 26), quando expressa: “Escrever é o mesmo processo do ato de sonhar: vão-se formando imagens, cores, atos, e, sobretudo uma atmosfera de sonho que parece uma cor e não uma palavra”. Em outras palavras, escrever é procurar entender e nesse diálogo vamos nos descobrindo em meio a contradições e desconstruções.

Escrever uma tese é arriscar-se, é ter humildade, é pesquisar sobre algo ainda desconhecido, por isso é uma produção arduosa, densa e desafiadora e nos exige muita concentração, esforço mental e recomeços. Daí a relevância dos outros, pois não chegamos sozinhos ao pódio. Embora seja um trabalho solitário, muitas são as mãos a nós estendidas e diversos os ombros oferecidos para nos apoiarmos quando pensamos, por vezes, que não

<sup>6</sup> O bolsonarismo pode ser interpretado como a expressão política brasileira da ascensão de movimentos sociais, líderes e governos que coabitam o espectro político da direita reacionária em nível internacional. Tal fenômeno passou a ser investigado de forma sistemática por intelectuais que vêm publicando suas análises tanto no meio acadêmico, em periódicos científicos, dissertações e teses, assim como por meio de ensaios em espaços voltados a fomentar o debate público (CADORE, 2021).

<sup>7</sup> São notícias falsas publicizadas por veículos de comunicação como se fossem informações verdadeiras. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista, ou prejudicar uma pessoa ou grupo.

<sup>8</sup> LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pansexual/Polissexual, Não-binárias e mais.



vamos conseguir. O pesquisador não conclui a tese sozinho e isso é essencialmente pedagógico.

Diante de tais constatações, podemos afirmar que escrever a tese de doutorado foi um momento-charneira<sup>9</sup>, que segundo Josso (2010, p. 214) “[...] a carga emocional, qualquer que seja a sua natureza (prazer, tristeza, vergonha, orgulho, sofrimento, cólera, alegria, medo, deslumbramento, surpresa etc.), surge como a primeira componente de qualquer início de experiência [...]”. Desse modo, os episódios aqui relatados entram nessa classificação porque contém uma carga emocional muito forte que deixou uma “marca” que me estimulou a refletir, realinhar, repensar, me refazer enquanto mulher, mãe, professora e doutoranda.

### **Sendas (In)conclusivas**

O estudo teve como objetivo refletir sobre os desafios inerentes à escrita da tese de doutorado e o medo de redigir no universo da pós-graduação. Do exposto, fica patente que escrever não é fácil, pois exige leituras, esforço e persistência. Desse modo, é tarefa do pesquisador ser um intérprete da realidade investigada e almeja-se que seja capaz de explicitar que o conhecimento que ele produz é condizente e relevante.

No que se refere às dificuldades da mulher em fazer ciência, fica nítido que diversos obstáculos, construídos ao longo da história e perpetrados na atualidade, impedem a eliminação das desigualdades de gênero. As múltiplas jornadas de trabalho dificultam a vivência, sobretudo da mulher, na pós-graduação. Isso porque as tarefas domésticas ainda ficam a cargo das mulheres; e lidar com as demandas de uma carreira científica enquanto cuida da casa e da família é muito desafiador e exaustivo.

Dessa forma, a mulher-mãe-pesquisadora, se depara com uma jornada excessiva, na qual precisa dar conta das exigências da vida acadêmica e das responsabilidades familiares. Entendemos que ser mulher e pesquisadora é lutar todos os dias, paulatinamente, contra a invisibilidade.

---

<sup>9</sup> Os momentos-charneira são os momentos que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, acontecimentos que separam, dividem, articulam as etapas da vida (JOSSO, 2010).



Revisando o texto, concluímos que a desigualdade de gênero ainda marca o contexto da ciência no Brasil. Isso é fruto de uma repetição de ações no decorrer dos anos pela sociedade que sujeita e rotula os indivíduos, numa verdadeira segregação de gênero. E, se chegamos até aqui foi por meio do enfrentamento de duros embates, tanto contra as barreiras impostas por uma sociedade patriarcal, quanto na insistente busca por políticas públicas em forma de ações afirmativas do Estado, com o objetivo de fazer garantir o princípio da igualdade.

É diante dessas constatações, que regressamos à analogia entre a escrita da tese e o labirinto que sugere o título, a ideia que temos é de que na escrita da tese, não chegamos rapidamente ao final do trabalho, mas durante o caminho visitamos um grande número possível de lugares, pessoas, desafios, ideias, medos, angústias, culpas, sentimentos e sensações. Assim, os caminhos labirínticos nos proporcionaram uma outra visão de mundo ao chegarmos na saída, e a sensação é de transformação.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 23-220.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. *In*: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.



- CADORE, Marcelo. **Bolsonarismo: uma história do conceito**. 2021. 78 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação como capital humano: uma teoria mantenedora do senso comum. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 4. ed, 1993, p. 35-68.
- JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.
- KROEFF, Renata Fischer da Silveira; PRUDENTE, Renata. Alice e os paradoxos da escrita acadêmica. **Rev. Polis e Psique**, p. 151-170, 2019.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, jul./dez., p. 101-115, 2003.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, p. 20-28, 2002.
- LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Metodologia e conhecimento científico: horizontes virtuais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
- LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, feminismo e serviço social: encontro e desencontros ao longo da história da profissão**. *Rev. Katálysis*. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 66-75, jan./jun. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LISPECTOR, Clarice. **As palavras: nada têm a ver com as sensações, palavras são pedras duras e as sensações delicadíssimas, fugazes, extremas**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014. E-book.
- MARTÍN, Eloísa. Ler, escrever e publicar no mundo das ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 33, n. 3, p. 941-961, set./dez., 2018.
- PEREIRA, Marcos Villela. **A escrita acadêmica: do excesso ao razoável**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18 n. 52, p. 213 – 244, jan./mar., 2013.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SEVERINO, Antônio Joaquim Severino. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2016.



SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>.

SILVA, Juliana Márcia Santos; CARDOSO, Vanessa Clemente; ABREU, Camila Eulálio; SILVA, Lívia Souza. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista Feminismos*. vol.8, n.3, p. 149-161, set./dez., 2020.

### THE LABYRINTHS OF THE THESIS AND THE FEAR OF DYEING WORDS: FORMATIVE NARRATIVES

#### ABSTRACT

Writing is a complex and challenging activity, as there are countless difficulties between the researcher and what is being studied. Therefore, the objective of the study is to reflect on the challenges inherent in writing a doctoral thesis and the fear of writing in the postgraduate universe. The theoretical path undertaken here for analysis followed the assumptions of a qualitative approach. In this way, we carried out a bibliographical and narrative research. The constructed narratives are from a doctoral student in a Graduate Program in Education at a Federal Institute in Brazil. As a result, we deduced that the act of writing in graduate school is sinuous, but possible. Furthermore, these difficulties are even greater for women, who, in addition to academic activities, have to take care of the education of their children, household activities and professional life. **Palavras-chave:** Escrita da tese. Narrativas formativas. Pós-graduação. The article was organized into two sections, in addition to these initial considerations and the (in)conclusive paths. In the first, we present a reflection on academic writing and its challenges, especially when performed by graduate students in training. In the second section, we carry out an introspection-retrospection exercise on the experiences around the writing of a woman, mother, wife, teacher and doctoral student linked to a Graduate Program of a Federal Institute of Education in Brazil.

**Keywords:** Thesis writing. Formative narratives. Postgraduate studies.

### LOS LABERINTOS DE LA TESIS Y EL MIEDO A TINTAR LAS PALABRAS: NARRATIVAS FORMATIVAS

#### RESUMEN

Escribir es una actividad compleja y desafiante, ya que existen innumerables dificultades entre el investigador y lo que se está estudiando. Por ello, el objetivo del estudio es reflexionar sobre los desafíos inherentes a la redacción de una tesis doctoral y el miedo a escribir en el universo de posgrado. El camino teórico emprendido aquí para el análisis siguió los supuestos de un enfoque cualitativo. De esta manera, realizamos una investigación bibliográfica y narrativa. Las narrativas construidas son de un estudiante de doctorado en un Programa de Posgrado en Educación en un Instituto Federal en Brasil. Como resultado, deducimos que el acto de escribir en la escuela de posgrado es sinuoso, pero posible. Además,





estas dificuldades son aún mayores para las mujeres, quienes, además de las actividades académicas, deben ocuparse de la educación de sus hijos, las actividades del hogar y la vida profesional. El artículo se organizó en dos secciones, además de estas consideraciones iniciales y los caminos (in)conclusivos. En el primero, presentamos una reflexión sobre la escritura académica y sus desafíos, especialmente cuando la realizan estudiantes de posgrado en formación. En la segunda sección, realizamos un ejercicio de introspección-retrospección sobre las experiencias en torno a la escritura de una mujer, madre, esposa, docente y estudiante de doctorado vinculada a un Programa de Posgrado de un Instituto Federal de Educación de Brasil.

**Palabras clave:** Redacción de tesis. Narrativas formativas. Posgraduación.

---

Submetido em: 08 de maio de 2023.

Aprovado em: julho de 2023.

Publicado em: julho de 2023.